# EDUCAÇÃO: ENTRE O IDEAL DE CONDUZIR E CONTROLAR - UM MAL-ESTAR NAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS

Jezabel Gontijo Machado de Oliveira

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

RESUMO

Inspirado na dissertação de mestrado: Trajetórias de constituição do ser docente (2011), o artigo busca compreender em que sentido o professor torna-se refém de práticas educativas sistematizadas, por vezes, inflexíveis e modelos pedagógicos que se distanciam da realidade, implicando no mal-estar que marca o contexto contemporâneo da educação.

Palavras-chave: Educação ideal; Mal-estar docente; Subjetividade.

ABSTRACT

Inspired in the master's dissertation: Trajectories of constitution of the teacher (2011), the article seeks to understand in what sense the teacher becomes a hostage of systematic educational practices sometimes inflexible and pedagogical models that are distant from reality, resulting in the malaise that marks the contemporary context of education.

Keywords: Ideal Education; Teacher’s Malaise; Subjectivity.

## Introdução

O ato de educar insere-se, a priori, em contexto assinalado pelo conflito humano, por isso desvela certo mal-estar que permeia a relação pedagógica na interação ensino-aprendizagem. Ao falar sobre as três fontes de onde provém o sofrimento humano, Freud (1930) enfatizou que uma das prováveis causas esteja no relacionamento entre os homens no convívio social. Para haver convívio social, há necessidade de normas que vão mediar os relacionamentos por meio também da educação.

Contudo, o desejo de completude e de controle impostos pelos ideais educativos em detrimento da singularidade e subjetividade dos sujeitos enlaçados no contexto pedagógico, paga um preço alto para viver o bônus dos bens culturalmente construídos pela civilização.

Nessa ótica, tornamo-nos estrangeiros no mundo civilizado, andarilhos imersos no mal-estar paralisante das exigências de um ideal educativo distante da realidade humana, que não reconhece as leis do desejo. Por isso mesmo, consoante destaca Barroso (2008), mesmo com o empenho, o esforço e os aparatos metodológicos que o professor usa no seu fazer pedagógico, ele não consegue executar o planejado com perfeição, não “controla” tudo, principalmente, resultados, restando o sentimento de frustração ante a percepção de que há sempre algo faltando.

A “falta” e a incompletude no espaço pedagógico geram o mal-estar quando o professor investe energia em modelos educativos que não condizem com o desejo do ser humano. Dessa forma, o texto tece relações entre o ideal apregoado no cenário escolar, levando-se em consideração o anseio de formação ideal circunscrito pelo ideário pedagógico. Ideário esse que busca a completude, a perfeição marcando a trajetória do humano no campo da civilização, o qual faz emergir o mal-estar inerente ao desejo de formação imbricada nas inquietações que atravessam o humano, na busca de seres melhores e felizes.

## Ideal de completude: emergência de um modelo de educação

Ao longo dos séculos, o desejo de formar homens melhores, virtuosos e cidadãos plenos, completos ditou modelos educativos que trouxeram em seu bojo o causticante mal-estar, dispêndio pago para viver os bens acumulados pela civilização, que confiscou a satisfação plena, o "prazer", estabelecendo as "proibições" no contexto sociocultural. Assim, *o desprazer é consequência do conflito de forças que tendem a satisfações incompatíveis entre si* (MILLOT, 1987 p. 95).

Por isso mesmo, a educação não deixa o sujeito ileso, visto que as relações pedagógicas são evidenciadas pelo conflito humano adjacentes também dos "rigores" e "controle" que tornam a prática educativa um desafio constante.

Nesses termos, pensamos que impera a contradição no contexto pedagógico que, ao impor esses rigores e controles a fim de alcançar a felicidade e a plenitude do sujeito, tenta, por outro lado, estabelecer a ordem na tentativa de formar um modelo ideal de homem completo, perfeito que não reconhece o desejo e "hiâncias" que marcam a constituição do humano.

Os rigores e exigências estabelecidos nas relações educativas, cujas práticas ainda procuram realizar modelos ideais destoantes da realidade, possivelmente podem gerar profundo mal-estar que, por vezes, deixa estagnada a criatividade docente, que o impede de acreditar na possibilidade de realizar o ato educativo com sucesso, garantindo, em contrapartida, certa dose de "bem-estar" aos sujeitos implicados no contexto pedagógico.

Assim, entendemos que a equação: rigores educativos e ideal de perfeição pode resultar no mal-estar que arruína qualquer tentativa de levar adiante o trabalho pedagógico que priorize o êxito dos sujeitos enlaçados no processo ensino-aprendizagem. A atenção, ao contrário, volta-se para métodos e técnicas que visam somente alcançar os "índices" estabelecidos nas metas educativas. O mal-estar se instala em decorrência dos insucessos e da impossibilidade de realizar com perfeição o que, por essência, é imperfeito, pois transita no campo do humano, da subjetividade e do desejo, no qual o planejado foge ao controle.

Dessa forma, ficamos presos na sistematização da prática educativa e quando os objetivos estabelecidos não se realizam, o mal-estar se faz presente, uma vez

que a educação, historicamente, não deixa de estar sujeita à pedagogia que traz em si elementos do conduzir e deixar-se conduzir por métodos e técnicas que acenam com a possibilidade da excelência do ensino-aprendizagem.

Nessa ótica, para Barroso (2008), a ação educativa docente nunca sai conforme o planejado, restando quase sempre a frustração diante da falta, do imperfeito e da impossibilidade do controle, visto que o complexo de Édipo, enquanto realidade vivenciada pelo professor e pela professora como constituinte da identidade humana, marca a incompletude e a insatisfação que permeia o contexto pedagógico, impossibilitando o controle de todas as situações desejadas. A impossibilidade de realizar o ideal de perfeição e as exigências pedagógicas inscreve-se no campo da angústia e do conflito gerando o mal-estar, visto que *o essencial escapa ao seu controle* (MILLOT, 1987 p. 78).

Entendemos o mal-estar no contexto pedagógico como resultado malfadado na tentativa de realizar o ideal que não condiz com o desejo e a subjetividade dos sujeitos implicados no ato educativo. Assim também, supomos que as inquietações pedagógicas do sujeito docente têm em si um fundo existencial, já que é atravessada pelo humano, pela pessoa do professor, consoante destaca Nóvoa (1995, p.9), *(...) não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais muito exigentes do ponto de vista do empenhamento e da relação humana*.

A trajetória humana é marcada pela inscrição do sujeito no mundo civilizado e, por conseguinte, os diferentes processos educativos também implicaram nesse percurso. Assim, torna-se expressivo trazer para nossa discussão o recorte histórico, no qual abordamos os primórdios do pensamento e civilização ocidental, marcado muitas vezes pela busca da perfeição.

Na Grécia antiga, imperava o modelo educativo que ditava a formação do homem articulado no plano das ideias, cuja perfeição e a completude eram qualidades cortejadas pelo cidadão que almejasse à posição privilegiada na sociedade. Esse modelo influenciou a concepção de educação ao longo da história da civilização fundando as bases do pensamento ocidental. A educação mesmo tendo sofrido intervenções de várias formas de pensar, modelos econômicos, sociais e políticos, ainda segue à procura do “modelo ideal” que tornará o humano melhor, perfeito, civilizado, “educado”.

Admitimos a continuidade desse legado perpetuado no imaginário docente, inspirando sua prática pedagógica na tentativa de atingir a perfeição, “o melhor” dos sujeitos inseridos no cenário educativo.

Para Luzuriaga (1975), a educação não se dá no isolamento, no abstrato, mas produzem ideais e tipos humanos inspirados na sociedade e cultura de cada época. Neste sentido, Oliveira (2012) enfatiza que *o modelo de homem desejado por uma sociedade também é inscrito pela cultura que forja nas suas entranhas uma identidade peculiar à qual todos os cidadãos devem corresponder (p. 130).* Assim, desejamos “o modelo”, queremos imitá-lo, persegui-lo para lançar sobre ele expectativas secretas de completude.

Não foi por acaso que os gregos buscaram nos heróis cavalheirescos de Homero um modelo para educar os jovens, cujo adestramento e repetição, eram estratégias para atingir a perfeição e o aprimoramento das virtudes humanas, a fim de que as novas gerações ocupassem os lugares privilegiados dentro da sociedade que seria comandada por um cidadão pleno e melhor. Dessa forma, essa concepção educativa, ainda que tenha passado por muitas transformações, pode ser inferida no contexto atual enquanto resquícios socioculturais na concepção do ato educativo, que perpetuaram ao longo do tempo, marcando o percurso civilizatório e, por conseguinte, a maneira de educar, que visa quase sempre ao controle, à perfeição, ao resultado em detrimento do sujeito e sua singularidade.

Sendo assim, parafraseando Jaeger (1976), aspiramos a um ideal de homem superior, cuja origem encontra-se na cultura grega a qual inspirou o pensamento ocidental implicando a maneira de ver o homem, a sociedade, a educação. Pensamos que ainda estamos no encalço da “Areté” que tanto ditou os primórdios da civilização greco-latina, ainda que “reconfigurando-a” ou “desconfigurando-a”, permanecemos insistindo na necessidade do ideal balizado pela completude, virtuosidade e perfeição que, muitas vezes, são motores do mal-estar quando o sujeito confronta-se com sua condição de incompletude e de sujeito da “falta”.

Muitas vezes o docente, mesmo percebendo a sua condição de sujeito incompleto, imperfeito e a impossibilidade de dar conta de todas as situações que envolvem a atuação no contexto pedagógico, quer dar um fim a essa condição de

desconforto e mal-estar, restando à sensação de que sempre falta algo, segundo trecho destacado da entrevista.

> *(...) eu sou aquela professora que (...) estou sempre lendo muito para perceber o que falta, o que não falta em relação à minha atuação enquanto professora, mas sempre estou em falta, em relação à minha atuação (...), muita coisa que a gente deixa passar, até porque* ***a gente quer dar conta de tudo e a gente não dá conta, então você sai de lá sabendo que está faltando alguma coisa*** *(...) (Professora B).*

Nesse sentido, entendemos que "conseguir dar conta de tudo", ou melhor, estar no "controle" das situações pedagógicas, por assim dizer, apresenta-se como condição ideal no contexto educativo e, quando o docente constata a inviabilidade desse empreendimento, *passa a conviver afetado por uma constante angústia, de modo que, quase inevitavelmente, o mal-estar se instaura em seu ser* (BARROSO, 2008).

Dos excertos, *nem sempre a gente consegue ministrar aquilo que tem que ministrar corretamente, por isso causa angústia*. (Trecho de entrevista com Professor A).

Consideramos que a educação mobiliza o sujeito, implicando sempre em certa dose de mal-estar, uma vez que tangencia a própria existência do humano enquanto ser finito e incompleto em si. Contudo, nas palavras de Freud (1930) "é impossível passar sem educação. O caminho que vai da criança de peito ao homem civilizado é longo" (p.59), por isso mesmo, deixá-la sem orientação, levaria o jovem e seu desenvolvimento e a sua missão na vida a fracassarem.

Notamos que, mesmo com todo esforço dos professores e professoras em buscar novas alternativas para o fazer pedagógico, ainda impera resquícios de um discurso entrecortado pela ilusão em ideais educativos que depõem contra o sujeito do desejo. Ao insistir em não abrir mão dessa ilusão de realização plena, o sofrimento se instala. Por isso mesmo, ao não alcançar os objetivos propostos por esse modelo de educação, resta aos professores o mal-estar muitas vezes, resultado da frustração por não conseguir "controlar" todos os resultados.

Assim, percebemos que, no contexto educacional, não supriremos a demanda do mal-estar docente simplesmente instituindo métodos e técnicas eficazes ou projetando ideais que acenam com garantias de alcançar os objetivos educativos

plenamente, pois restará ainda o mal-estar inerente à constituição do humano. Por outro lado, é possível aprender a lidar com o mal-estar numa perspectiva da singularidade, fidedigna à constituição dos sujeitos, na qual cada um descubra, conforme enfatizou Freud (1930), uma maneira particular de ser "salvo".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


BARROSO, Betania Oliveira. **Para além do sofrimento: uma possibilidade de re-significação do mal-estar docente**. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FREUD, Sigmund (1930). **O mal-estar na civilização.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JAEGER, Wener. **Paidéia: a formação do Homem Grego.** Martins Fontes

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia.** Tradução: Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 7.ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

MILLOT, Catherine. **Freud Antipedagogo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida**.** In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de Professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Jezabel Gontijo Machado de. **Educação ideal: o sonho de formar o homem perfeito.** In: ALMEIDA, Inês Maria M. Z. P. de. (Org.). **O lugar da memória educativa na formação de professores: uma leitura psicanalítica.** 1 ed. – Curitiba, PR: CRV, 2012.